

# Bandidos armados tentam mudar de face no exterior

● **DENUNCIA EX-CABECILHA QUE BENEFICIOU DA LEI DA AMNISTIA**

TEXTO DE ROBERTO UAENE • FOTOS DE NAITA USSENE E ARQUIVO

Chanjunja Chivaca João, ex-chefe do Departamento de Mobilização dos bandidos armados em Portugal, entregou-se no dia 26 de Novembro às autoridades moçambicanas beneficiando da Lei da Amnistia. Numa conferência de imprensa que concedeu em Maputo no

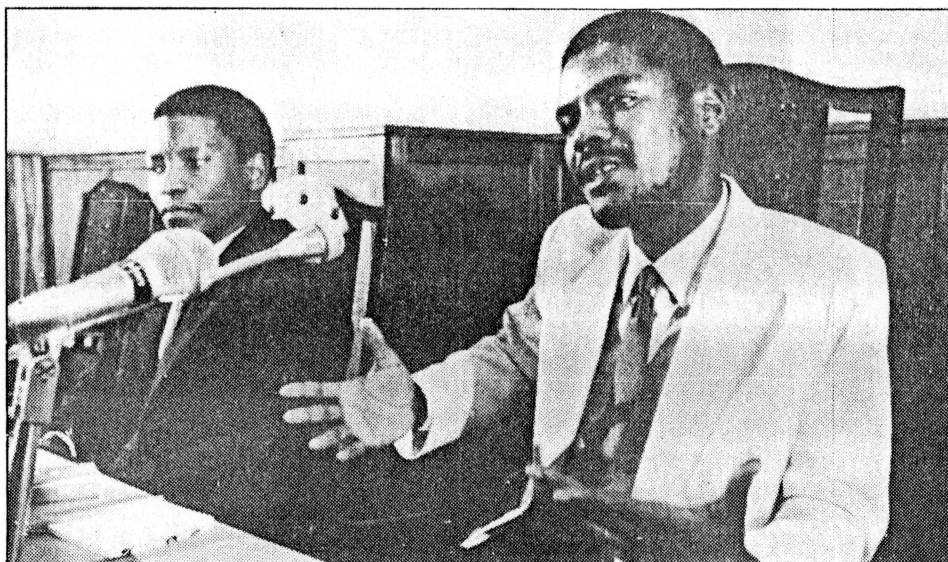
dia 30, disse que depois de os BA's perderem a credibilidade com a publicação do «Relatório Gersony», estão agora numa campanha de tentar mudar a face e apresentar-se como uma força política perante o mundo.

Esta nova estratégia foi definida na última reunião havia em Helderberg na RFA, orientada pelo principal cabecilha dos bandidos armados, Afonso Dlakhamba, dado que depois da publicação do «Relatório Gersony» eles passaram a ser tidos como bandidos e não como força de oposição como antes eram considerados em certos círculos. «A RENAMO perdeu credibilidade», disse Chanjunja Chivaca João durante a conferência de imprensa.

Na mesma reunião, segundo Chivaca João, foi definida a nova estratégia de luta dos bandidos armados segundo a qual deveriam concentrar uma parte das suas forças numa região do Zimbabwe para ligar as forças daquele país que se encontram em Moçambique a regressar. Desta forma, eles agiriam mais livremente em Moçambique.

Dada a desintegração que se verifica na delegação dos bandidos armados tanto em Portugal como nas acções desenvolvidas pelas outras delegações na RFA e nos EUA, esta reunião tratou também de tentar uma acção conjunta que reflectisse coesão no seio dos bandoleiros.

A-propósito da desintegração dos



«Os bandidos tentam mudar de face», Chanjunja Chivaca João

bandidos armados, Chivaca João disse que a delegação em Portugal apresenta duas facções, uma liderada pela viúva de Evo Fernandes, Ivete Fernandes residente em Cascais, e outra por Manuel Franke, em Lisboa. No meio destas duas facções existe um elemento que mantém os contactos com Pretória. Trata-se de Ascêncio Gomes de Freitas que coordena não só as ligações com a África do Sul como com o resto da Europa e com outras delegações.

**BANDIDOS  
NÃO TÊM SIMPATIZANTES**

Segundo Chivaca João, a partir da publicação do «Relatório Gersony», que coloca a nu a verdadeira face dos bandidos armados, os moçambicanos que se consideravam simpatizantes dos bandidos armados no exterior, abandonaram as suas posições de tal maneira que «a RENAMO só se traduz nos elementos que constituem a cúpula».

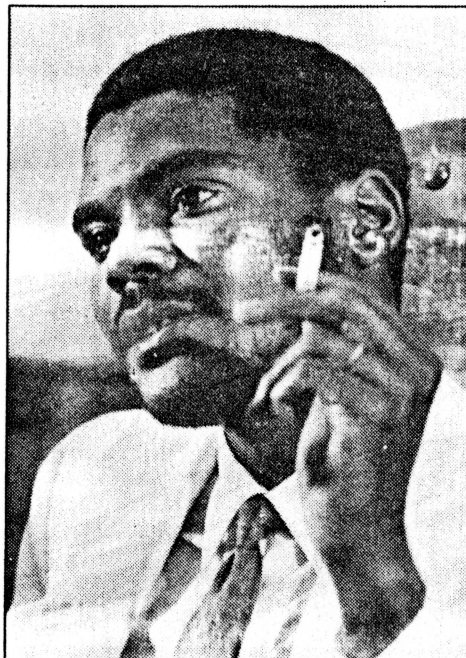
Enquanto isso, a nível interno, em Moçambique, existem muitos bandidos que já estão cansados da guerra. Estão convencidos de que pela força das armas não podem ganhar. Aliás isto é notório pois a maior parte das acções levadas a cabo em diversos pontos do país, principalmente no sul, são perpetradas por jovens de 14 a 20 anos de idade.

O facto de a maior parte das acções de desestabilização se concentrarem no sul, perto da Cidade de Maputo, é uma tentativa de persuadir o governo a fazer algo que conduza a um cessar-fogo. «Eles já não têm moral para combater», disse Chivaca João acrescentando que, como ele, há muitos que já compreenderam que estão enganados e que «não podem esperar nada da RENAMO».

Sobre os apoios externos dos bandidos armados, Chivaca João disse que eles confiam-se a alguns serviços secretos como é o caso da RFA, na Europa, e do Quénia, em África. Ainda neste último continente, há os contactos feitos com o Reino de Marrocos e que ainda não tiveram nenhuma resposta concreta.

A delegação do Quénia é liderada por um tal Lisboa coadjuvado por Francisco Mota que era representante dos bandidos no Canadá onde foi expulso devido às acções de banditismo.

Além dos serviços secretos de



«Vi que tinha sido enganado», Chivaca João

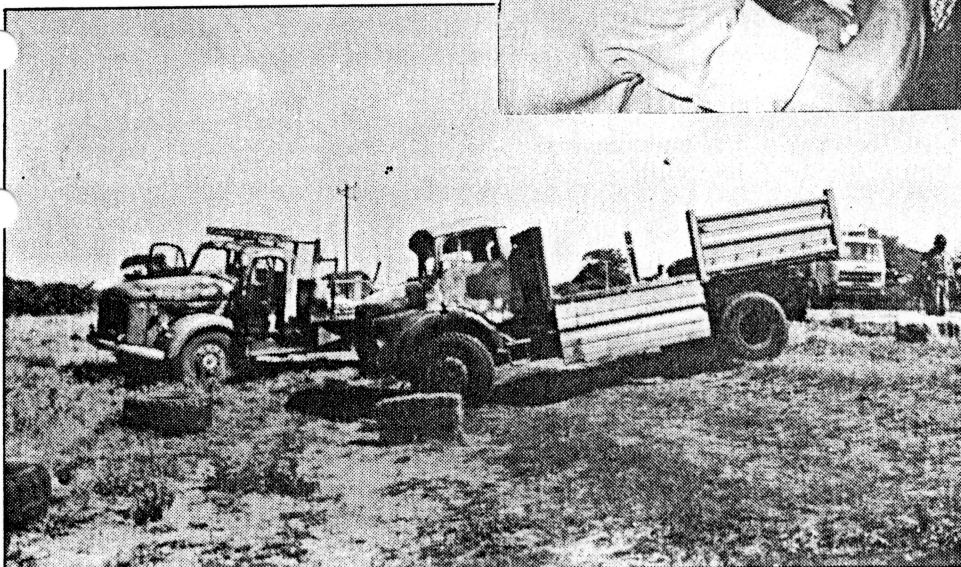
países europeus e africanos que apoiam os bandidos armados, há elementos com certo poder económico e que eram antigos empresários em Moçambique que continuam a financiar aquele grupelho. É o caso de Almeida Pires, antigo Administrador da Maragra e de um Felizardo que foi sócio da Empresa do Chá do Guruê.

Artur Janeiro da Fonseca é um elemento que mantém os contactos com os Serviços Secretos da RFA bem como coordena todas as acções na Europa. O equipamento de rádio que estabelece os contactos com a África do Sul, encontra-se em casa de Ascêncio Gomes de Freitas, em Portugal, o que significa que Pretória ainda mantém o apoio aos bandoleiros.

Em Fevereiro, Van Neekerk, há muito conhecido pelas suas acções de apoio aos bandidos armados, reu



O «Relatório Gersony» que pôs a nu os actos criminosos dos BA's fez-lhes perder credibilidade perante a comunidade internacional. (Foto: Jaime Macamo)



A concentração de acções no sul, junto à capital, é uma tentativa de forçar o governo a aceitar um cessar-fogo. (Foto: Kok Nam)

niu-se em Portugal com os cabecilhas. Nesse encontro, Chivaca João foi convidado a participar como observador. Nessa altura, embora já desempenhasse as funções de mobilizador, mantendo contactos com vários moçambicanos que vivem em Portugal para se filiarem como simpatizantes dos bandidos, a sua nomeação oficial só veio a surgir depois da morte de Evo Fernandes.



## TRIBALISMO REINA NOS BA's

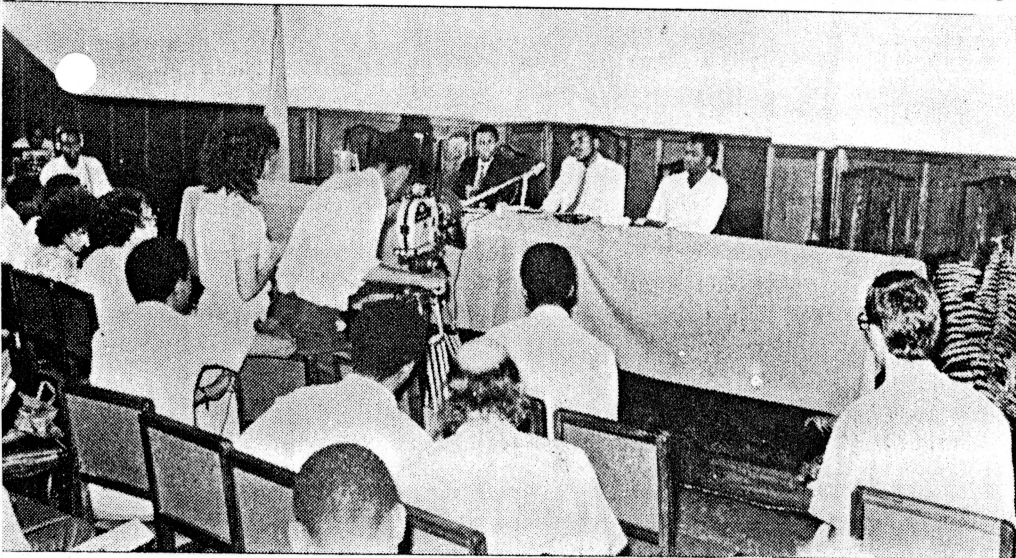
Afora a cisão que se verifica neste momento na delegação em Portugal dos bandidos armados, há ainda o facto de entre os cabecilhas só chegarem a ocupar posições de relevo pessoas provenientes de determinadas zonas. Confessa Chivaca João acrescentando que no interior de Moçambique há agora a chamada UNAMO chefiada por Gimo Phiri antigo imediato de Afonso Dlakhamá. O abandono de Gimo Phiri da ala de Dlakhamá, dá-se por razões tribais. Nas palavras de Chivaca João, Gimo Phiri desligou-se do seu chefe porque este defendia apenas as acções na região centro sem se preocupar muito com o resto do país. Assim, ele decide formar o seu próprio

Gilberto Magid possui passaportes do Malawi, de Portugal e da Grã-Bretanha.

Falando do barco alemão que se encontra retido no porto de Quelimane, Chivaca João disse que não ia fazer nenhum fornecimento de material, que ele saiba. O rapto dos seus tripulantes foi uma questão de chantagem que os bandidos pretenderam junto do Governo da RFA. «Ao raptá-los pretendiam que em troca, os seus cabecilhas circulassem livremente naquele país europeu mas o governo da RFA não acedeu», disse Chivaca João.

### A-PROPÓSITO DE CHIVACA JOÃO

Natural de Sofala, Chivaca João saiu de Moçambique em 1983, com 19 anos. Era membro do SNASP



Aspecto da conferência de imprensa em que Chanjunja Chivaca João denunciou a nova estratégia dos BA's

grupo que é constituído maioritariamente por zambezianos. Este grupo actua na província da Zambézia lutando simultaneamente contra os bandidos do Dlakhamá e as FPLM.

«O maior número dos bandidos que actua na Zambézia são comandados pelo Phiri enquanto uma parte insignificante ainda segue as orientações de Afonso Dlakhamá», disse Chivaca João acrescentando que este novo cabecilha, Gimo Phiri, quando sai de Moçambique vai ao Malawi «hospedando-se» em casa de Gilberto Magid que era comerciante em Moçambique e que tem casa comprada naquele país.

mas segundo ele, espírito aventureirista levou-o a abandonar o país com a ideia de ir continuar os estudos em Portugal. Quando lá chegou, contactou com Evo Fernandes que tinha conhecido na Beira no tempo colonial.

É então que é aliciado a filiar-se ao banditismo armado ao que acedeu. Desde então passou a trabalhar como mobilizador, angariando simpatizantes dos bandidos junto dos moçambicanos que residem em Portugal. Enquanto militava no banditismo armado, trabalhava como chefe de uma oficina de reparação de máquinas agrícolas em Lisboa.

Depois da morte de Evo Fernandes, que segundo Chivaca João já se adivinhava desde a morte do Ataíde, outro cabecilha morto no Malawi, foi oficialmente nomeado chefe do Departamento de Organização e Mobilização. Depois da fuga de Paulo Oliveira, chegou a desempenhar as funções de porta-voz dos bandidos em Portugal.

Desde um pouco antes, acentuando-se depois da publicação do «Relatório Gersony», Chivaca João meditou e chegou à conclusão de que tinha sido enganado, «que a RENAMO não tinha nenhum futuro e dela nada podia esperar». Decidi então pedir para regressar ao país e ser beneficiado pela Lei da Amnistia» que já está nos seus últimos dias de validade.

«O Governo concordou que eu regressasse e cá estou com a minha família, disse Chivaca João acrescentando que espera poder reintegrar-se na sociedade e trabalhar na reconstrução do país.

Chanjunja Chivaca João pensa que há agora muita gente que gostaria de desertar das fileiras dos bandidos armados e entregar-se às autoridades moçambicanas mas, como há pouca divulgação da Lei da Amnistia no estrangeiro, muitos receiam que ela não seja verdadeira. «Em Portugal há pessoas que pensavam que Paulo Oliveira, por ser português, não poderia ter sido beneficiado pela Lei da Amnistia. Chegado em Moçambique, verifiquei que aquilo que nós receávamos afinal não existe. Existe sim, é uma verdadeira Amnistia. Desde que cheguei tenho sido muito bem tratado», declarou Chivaca João.

A Lei da Amnistia foi aprovada pela Assembleia Popular para beneficiar todos aqueles que, arrependidos dos crimes que foram forçados a cometer, desejassem abandonar o banditismo armado e integrar-se na sociedade para voltar a viver como cidadão livre. Esta Lei entrou em vigor em Janeiro do ano em curso devendo expirar este mês segundo nela se estipulou. Ela beneficiou todos aqueles que se entregaram com ou sem as suas armas abandonando as fileiras dos malfeitores.

□